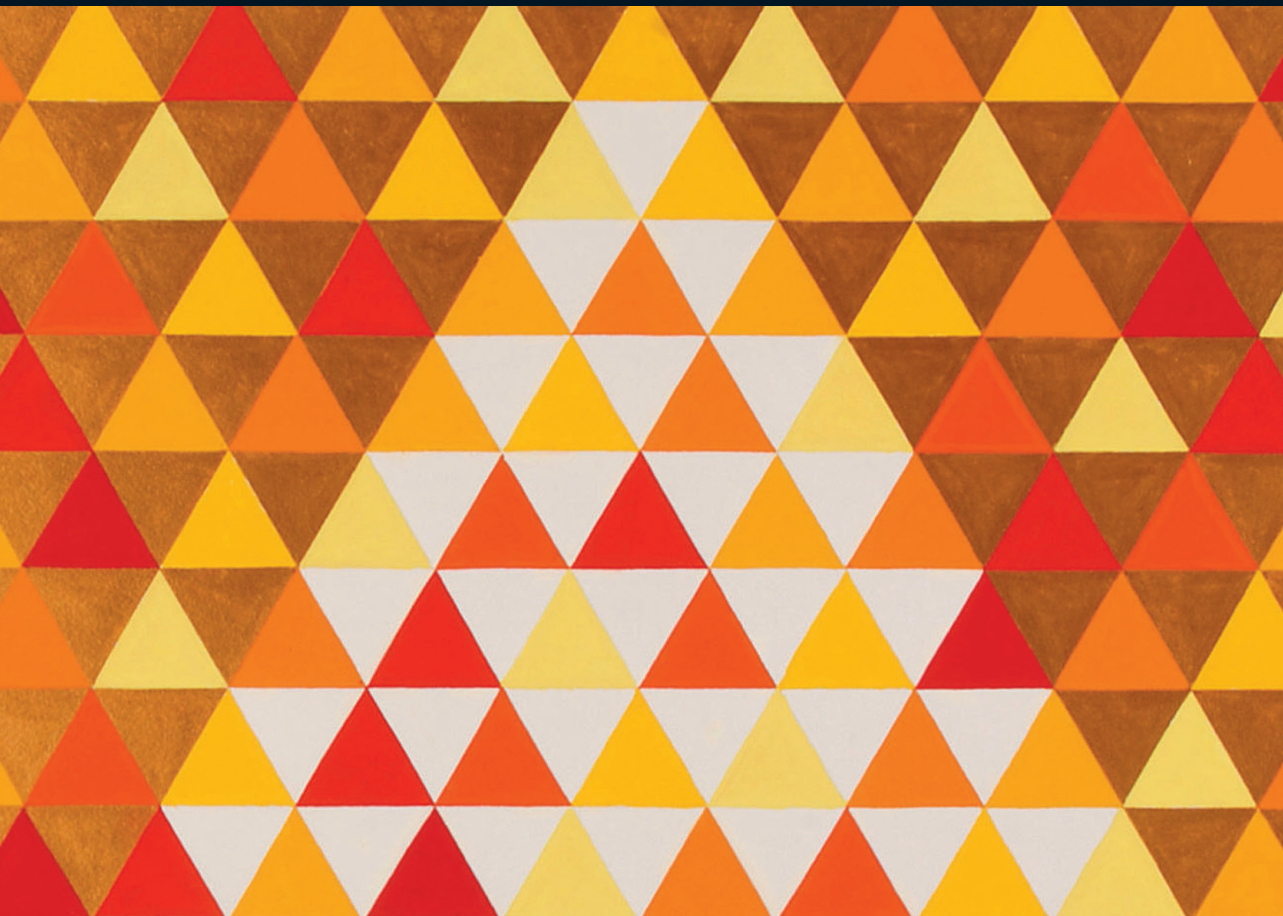


EDIÇÃO CRÍTICA DAS OBRAS DE EÇA DE QUEIRÓS



PHILIDOR

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

Imprensa Nacional
é a marca editorial da **INCM**

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

www.impresnacional.pt
www.incm.pt
www.facebook.com/ImprensaNacional
editorial.apoiocliente@incm.pt

© 2021 Carlos Reis, Kathryn Bishop-Sanchez e Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Título: Philidor

Autor: Eça de Queirós

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Conceção gráfica: INCM

Capa: Sem título, da série «Ordem e Acaso», 2011,
da autoria de Eduardo Nery;
guache com dourado sobre papel;
dimensões da mancha: 64,7 cm × 75 cm;
papel: 70 cm × 100 cm;
coleção do autor

Data de impressão: junho de 2021

ISBN: 978-972-27-2867-6

Depósito legal: 483 374/21

Edição n.º 1024212

Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós

Plano de edição

FICÇÃO

Não-póstumos

- * O Mistério da Estrada de Sintra
- O Crime do Padre Amaro (1.^a versão)
- * O Crime do Padre Amaro (2.^a e 3.^a versões)
- O Primo Basílio
- * O Mandarin
- A Relíquia
- * Os Maías
- * Contos I

Semipóstumos e póstumos

- * A Correspondência de Fradique Mendes
- * A Ilustre Casa de Ramires
- A Cidade e as Serras
- * Contos II
- Lendas de Santos
- * A Capital!
- O Conde de Abranhos
- * Alves & C.^a
- A Tragédia da Rua das Flores

TEXTOS DE IMPRENSA

- Uma Campanha Alegre. De «As Farpas»
- * Textos de Imprensa I
- * Textos de Imprensa II
- Textos de Imprensa III
- * Textos de Imprensa IV
- * Textos de Imprensa V
- * Textos de Imprensa VI

EPISTOLOGRAFIA

- * Cartas Públicas
- Cartas Privadas

NARRATIVAS DE VIAGENS

- O Egito e Outros Relatos

VÁRIA

- * Almanques e Outros Dispersos

TRADUÇÕES

- * Philidor
- * As Minas de Salomão

- * Volumes publicados

EDIÇÃO CRÍTICA DAS OBRAS DE EÇA DE QUEIRÓS

Traduções

Philidor

Edição de
Kathryn Bishop-Sanchez

Imprensa Nacional
2021

INTRODUÇÃO

1. CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS

A edição crítica que aqui se publica corresponde à tradução, por Eça de Queirós, de uma peça teatral, *Philidor*, da autoria do dramaturgo francês Joseph Bouchardy (1810-1870). Trata-se de uma comédia-drama que consiste num prólogo e quatro atos. Tanto o texto original francês como a tradução para português são textos pouco conhecidos. Com efeito, o texto francês só teve uma publicação, sendo incluído na revista *Théâtre contemporain illustré*, editada por Michel Lévy Frères, em fevereiro de 1863, pouco tempo depois da primeira representação, em 3 de janeiro de 1863, no Théâtre de la Gaîté, em Paris. O texto português não chegou a ser representado e só foi editado por Pedro da Silveira, na editora Livros do Brasil, com duas impressões idênticas, datadas de 1982 e 2004.

Como era costume nas décadas de 50 e 60 do século XIX, a tradução da peça terá sido encomendada pela direção do Teatro Nacional D. Maria II, onde se encontra atualmente o manuscrito. Traduzir peças estrangeiras, principalmente francesas, para representação nos palcos lisboetas, era uma das maneiras em voga para tentar remediar a escassa produção dramática portuguesa, cujo repertório, no fim das décadas de 50 e 60, era maioritariamente sofrível e medíocre. A título de exemplo, no ano de 1869, de um total de 132 peças representadas nos teatros da Trindade e D. Maria II, 84 eram portuguesas e 48 francesas¹. É muito

¹ *Crónica dos Teatros*, 17 de março de 1870, p. 3.

provável que a tradução de *Philidor* date de 1869; ela foi anunciada na *Crónica dos Teatros*, de 28 de fevereiro de 1870, sendo um dos primeiros trabalhos que terá ocupado Eça de Queirós, logo depois de terminar os seus estudos em leis, em Coimbra, e a seguir à colaboração na *Gazeta de Portugal* e à aventura jornalística do *Distrito de Évora*². Como está indicado na primeira folha do manuscrito, a peça foi destinada ao Teatro Nacional D. Maria II, «sendo julgada digna disso», e supomos que Eça terá enviado o manuscrito ao Teatro onde tem permanecido até aos nossos dias, salvando-se do incêndio que o destruiu, em 1964.

Além da anotação no próprio manuscrito, indicando que a tradução é, de facto, da autoria de Eça de Queirós, e da confirmação de Ernesto Guerra da Cal³, pouco se sabe das circunstâncias que a teriam motivado. Se não duvidamos que a tradução é de autoria queirosiana, o manuscrito em que baseamos a fixação do texto parece ser uma cópia de amanuense e não um autógrafo. Além disso, parece-nos que a peça traduzida nunca chegou a ser encenada no palco do Teatro Nacional, logo depois de completada a tradução.

Na época, peças escritas ou traduzidas e depois perdidas não eram um fenómeno raro. Como nos indica Duarte Ivo Cruz, também se perderam muitas traduções que foram «representadas e não editadas»⁴. Da mesma maneira, *Philidor* foi traduzida para português, mas não chegou a ser representada nem editada. Para apoiar esta afirmação, baseamo-nos em informação publicada no jornal *A Crónica dos Teatros*, um periódico quinzenal da década de 60 e começo da de 70 e que, como o título indica, está centrado na discussão do teatro: as peças teatrais encenadas e em prepara-

² Cf. Eça de Queirós, *Textos de Imprensa I (da «Gazeta de Portugal»)*. Edição de Carlos Reis e Ana Teresa Peixinho, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004; Eça de Queirós, *Textos de Imprensa II (do «Distrito de Évora»)*. Edição de Ana Teresa Peixinho, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2019.

³ Cf. *Lengua y estilo de Eça de Queiros; Apêndice. Bibliografía queirosiana sistemática y anotada e iconografía artística del hombre y la obra*. Coimbra: Por Ordem da Universidade, 1975, t. 1.º, p. 547; 1984, t. 4.º, p. 107.

⁴ Duarte Ivo Cruz, *Repertório Básico de Peças de Teatro*, Secretário de Estado da Cultura. Direção-Geral de Ação Cultural — Divisão de Teatro, Lisboa, 1986, p. 11.

ção, os atores, os dramaturgos e a receção das obras produzidas em Lisboa, principalmente, com preferência pelo Teatro Nacional D. Maria II, mas com algumas menções ao Teatro Académico de Coimbra, ao Teatro Eborense, ao Teatro Almadense e ao Teatro de São João, do Porto. Neste jornal, num relatório da autoria de Júlio César Machado inserto na *Crónica dos Teatros*, a peça teatral *Philidor* figura na lista e a tradução é devidamente atribuída a Eça de Queirós, sendo designada pela categoria «comédia»⁵. Contudo, no número seguinte da *Crónica dos Teatros* (que saiu em 17 de março de 1870), parece evidente que *Philidor* não chegou a ser representado, uma vez que não surge na «Relação das peças que a sociedade proprietária do Teatro da Trindade e empresária do de D. Maria II fez representar no ano de 1869 e número de vezes que cada uma foi à cena em cada um dos diversos teatros em que foram representadas».

Deste modo, é sabido e confirmado que a tradução é da autoria de Eça de Queirós, mas a peça não foi levada à cena naquele ano e, por aquilo que pudemos averiguar, também não nos anos a seguir. Além disso, outro indicador significativo é o elenco dos atores. Na época, os atores eram contratados por um teatro em particular que tinha direitos exclusivos sobre os seus serviços; quando um teatro ou um ator desrespeitava o contrato, isso dava lugar a queixas que frequentemente apareciam comentadas nos jornais⁶. Alguns atores eram grandes vedetas do D. Maria II e apareciam na maior parte das peças produzidas. Portanto, alguns dos atores mais conhecidos teriam certamente desempenhado papéis em *Philidor*, se a peça tivesse sido encenada. Porém, esta peça não consta no reportório de nenhum dos atores principais do Teatro de D. Maria II, tais como Emília das Neves, Emília Adelaide, Josefa Soller ou Joaquim José Tasso⁷.

⁵ «Relação dos escritores, cujas produções foram representadas pelas companhias dramáticas dos Teatros de D. Maria II e da Trindade no ano de 1869 e o número de atos que cada um apresentou», *Crónica dos Teatros*, 28 de fevereiro de 1870, p. 3.

⁶ *Crónica dos Teatros*, 1 de abril de 1863, p. 2.

⁷ Reproduzido na *Crónica dos Teatros*, 19 de julho de 1870.

TEXTO CRÍTICO

PHILIDOR

Comédie-drama

en

quatre actes, précédée de

L'Héritage d'un Pauvre Homme

Prologue

Par M. Joseph Bouchardy

Direction de M. Harmant

Représentée pour la première fois, à Paris,

sur le Théâtre de la Gaîté,

le 3 Janvier 1863

PHILIDOR

Comédia-drama

em

um prólogo e quatro atos de

J. Bouchardy

traduzida por

J. M. de Eça de Queirós

Para ser representada no Teatro

de

D. Maria II

sendo julgada digna disso

DISTRIBUTION DE LA PIÈCE

	BERNARD... Latouch
	DOMINIQUE... Alhaiza (Charles)
	GUÉRIN dit PHILIDOR... Paulin Ménier
5	MARQUIS DE SAINT-VALERY... Gaspard
	ALBERT... Alhaiza (Paul)
	VERDIER... Derville
	BALTHAZAR... Alexandre
	JULIETTE... Lucile Abolard
10	FLORA... Lovely
	GUICHARD... Duval
	DUVAL... Zimmer
	UN GARÇON D'AUBERGE... Thierry
	UN DOMESTIQUE... Mallet
15	Domestiques, invités.

L'action, au premier acte, se passe en 1803 au village de Saint-Servant, en Bretagne; l'action de la pièce au commencement de l'année 1812, à Rennes.

Tous droits réservés.

DISTRIBUIÇÃO DO DRAMA

BERNARDO
DOMINGOS
ANDRÉ GUERIN, depois PHILIDOR
5 O MARQUÊS DE SAINT-VALERY
ALBERTO
VERDIER
BALTASAR
JULIETA
10 FLORA
GUICHARD
DUVAL
Um criado da hospedaria
Um criado de Bernardo
15 Criados, convidados.

*O prólogo passa-se na aldeia de Saint-Servant em 1803. Os atos
passam-se na cidade de Renes em 1812.*

PROLOGUE

5 *Intérieur d'une salle au rez-de-chaussée de la maisonnette de Guérin: atelier de menuisier, des outils, des planches, des bouts de bois bruts; contre le mur de gauche,* un babut devant lequel est une table; du côté opposé un établi, outils, copeaux, etc. Des livres épars sur tous les meubles; trois escabeaux, grande porte vitrée au fond donnant sur la rue; grande fenêtre dans un pan coupé à droite donnant sur une cour; sur le mur, au fond, entre la porte et la fenêtre, des porte-manteaux sur lesquels sont accrochés un vieux bissac et un vieil habit.*

10

Scène I

VERDIER

VERDIER (*Ouvrant la porte du fond et entrant.*) Monsieur Guérin, je vous salue... Tiens! (*Après avoir examiné.*) Personnel... Il n'est pas venu directement chez lui en sortant du cimetière... Je suis

* La droite et la gauche sont toujours celles du spectateur. [NA]

2-9: *Intérieur d'une salle [...] un vieil habit*] O teatro representa uma sala ao nível do chão da casa de André Guérin: oficina de carpinteiro com um banco e instrumentos próprios deste ofício, dois machados, um carro de mão, paus, tábuas, etc. Junto à parede da esquerda um baú velho e uma mesa, sobre a qual estão alguns livros. Três bancos de assento. Porta no fundo que dá para a rua. Janela à direita dando também para a rua. Na parede do fundo um cabide, no qual está pendurado um alforge e um casaco.

11: [Da 1.ª cena à 5.ª cena, tanto no Ms. como em 1982, não se indicam as personagens.]

12-14: Monsieur Guérin [...] cimetière] Bons dias, Senhor Guerin. (*Examinando.*) Oh! Ninguém! Já vejo que depois que saiu do cemitério não veio logo para casa.

PRÓLOGO

5 O teatro representa uma sala ao nível do chão da casa de André Guerin: oficina de carpinteiro com um banco e instrumentos próprios deste ofício, dous machados, um carro de mão, paus, tábuas, etc. Junto à parede da esquerda um baú velho, e uma mesa, sobre a qual estão alguns livros. Três bancos de assento. Porta no fundo, que dá para a rua. Janela à direita dando também para a rua. Na parede do fundo um cabide, no qual está pendurado um alforge e um casaco.

Cena 1.^a

10 VERDIER (*Abrindo a porta e entrando.*) Bons dias, Sr. Guerin. (*Examinando.*) Oh! Ninguém! Já vejo que depois que saiu do cemitério não veio logo para casa. Sinto muito

4: ofício, dous] ofício, dois [1982; *do mesmo modo, nas restantes ocorrências do vocábulo dous*]

10: Sr.] Senhor [1982]

15 fâché de ne pas le rencontrer; il y a tant d'étrangeté et d'imprévu
 dans l'histoire de ce Pierre Giraud qui vient de mourir ici!...
 J'aurais été bien aise d'échanger quelques mots d'abord avec cet
 André Guérin qui lui avait donné asile. Ce Guérin que l'on dit
 honnête homme, mais tête un peu folle... Voyons, quelle heure
 20 est-il?... (*Il regarde sa montre.*) Dix heures! Il faut que j'aille à la
 mairie... mais je puis attendre encore... Peut-être viendra-t-il?...
 (*Examinant l'intérieur.*) Il n'y a pas grand luxe chez lui... ses outils
 de travail... et des livres de tous les côtés... Il paraît qu'il aime la
 lecture... Que lit-il donc? (*Prenant un livre sur l'établi.*) Des romans,
 25 sans doute... (*Comme il se dispose à l'ouvrir, Guérin paraît.*)

Scène II

VERDIER, GUÉRIN

VERDIER (*L'apercevant et repousant le livre.*) Le voici.

GUÉRIN (*Surpris.*) Monsieur le notaire chez moi!...

30 VERDIER Je vous ai perdu de vue en sortant du cimetière.

GUÉRIN J'étais allé voir mon petit frère à l'école...

VERDIER Je ne voulais pas quitter Saint-Servant sans vous
 faire mes adieux!...

15: rencontrer;] encontrar!

16-18: qui vient de mourir ici!... J'aurais été bien aise d'échanger quelques mots d'abord
 avec cet André Guérin] que morreu ontem à noute! Desejo falar com André Guerin

19-25: mais tête un peu folle [...] sans doute... (*Comme il se dispose à l'ouvrir, Guérin
 paraît.*)] mas um pouco maniaco. Vejamos que horas são. (*Vê no seu relógio.*) Dez horas.
 Tenho que fazer em Saint-Servant, mas posso esperar ainda, e entretanto talvez ele chegue.
 (*Examinando o interior da sala.*) Não há aqui luxo: os instrumentos do seu trabalho e alguns
 livros: romances, provavelmente. (*Pega num livro, entra Guerin.*)

28: VERDIER (*L'apercevant et repousant le livre.*)] VERDIER (*Vendo Guerin, larga o livro.*)

29: GUÉRIN (*Surpris.*)] GUERIN

31: J'étais allé voir mon petit frère à l'école...] Fui à escola ver meu irmão.

33: adieux!...] adeus.

não o encontrar! Há cousas tão estranhas e imprevistas na história
desse Pedro Giraud que morreu ontem à noite! Desejo falar com
15 André Guerin que lhe deu asilo. Dizem que é um homem hon-
rado, mas um pouco maníaco. Vejamos que horas são. (*Vê no seu
relógio.*) Dez horas. Tenho que fazer em Saint-Servant, mas posso
esperar ainda, e entretanto talvez ele chegue. (*Examinando o interior
da sala.*) Não há aqui luxo: os instrumentos do seu trabalho e al-
20 guns livros: romances, provavelmente. (*Pega num livro, entra Guerin.*)

Cena 2.^a

VERDIER (*Vendo Guerin, larga o livro.*) Ei-lo aqui.

GUERIN O senhor tabelião em minha casa!

VERDIER Perdi-vos de vista quando saístes do cemitério.

25 GUERIN Fui à escola ver meu irmão.

VERDIER Eu não quis deixar Saint-Servant sem vos dizer
adeus.

14: à noite] à noite [1982; *do mesmo modo, nas restantes ocorrências.*]

17: Saint-Servant,] Saint-Servant [1982]

35 GUÉRIN Vous me faites bien de l'honneur, monsieur Verdier.
Et si j'osais vous proposer de vous rafraîchir dans l'échoppe du
pauvre artisan...

VERDIER Je l'accepterais d'aussi bon coeur que vous me
l'offririez...

40 GUÉRIN Ça ne sera pas long... (*À part.*) J'ai heureusement
une bouteille de vin. (*Il va prendre une bouteille et deux verres sur le
babut, les pose sur la table à gauche et verse à boire. Prenant un verre.*)
À votre santé, monsieur Verdier!

VERDIER À la vôtre, mon ami. (*Ils boivent.*)

45 GUÉRIN C'est aujourd'hui surtout que nous devons sentir
le prix de la santé.

VERDIER (*S'asseyant.*) Oui, le pauvre Pierre Giraud vient de
payer sa dette à la maladie.

50 GUÉRIN (*S'asseyant.*) Dites-moi, monsieur Verdier, vous le
connaissiez depuis longtemps sans doute, vous qui avez fait deux
lieues pour venir à son enterrement?

VERDIER Je l'ai vu avant-hier pour la première fois à Ploërmel,
dans mon étude, où il est entré en revenant de Rennes.

34-36: monsieur Verdier [...] artisan...] Sr. Verdier. Pareceis-me fatigado. Se quisésseis
beber um copo de vinho... é o mais que pode oferecer-vos o pobre operário.

38: l'offririez...] ofereceis.

39-42: GUÉRIN Ça ne sera pas long [...] Verdier!] GUÉRIN (*Vai buscar uma garrafa e
dous copos, e enche-os de vinho.*) À vossa saúde, Sr. Verdier. (*Bebe.*)

43: vôtre, mon ami. (*Ils boivent.*)] vossa, Sr. Guérin. (*Bebe.*)

44-45: GUÉRIN [...] santé] GUÉRIN Deve apreciar-se muito uma boa saúde

46-47: VERDIER (*S'asseyant.*) Oui, le pauvre Pierre Giraud vient de payer sa dette à la ma-
ladie.] VERDIER É verdade. O pobre Giraud já pagou o seu tributo à morte. (*Assenta-se.*)

48-50: Verdier, vous le connaissiez depuis longtemps [...] enterrement?] Verdier, éreis
seu amigo, visto que andastes duas léguas para lhe assistir ao enterro.

51: avant-hier pour la première fois] anteontem, pela primeira vez,

GUERIN Honrais-me muito, Sr. Verdier. Pareceis-me fatigado. Se quisésseis beber um copo de vinho... é o mais que pode oferecer-vos o pobre operário.

VERDIER Aceito com a mesma franqueza com que mo ofereceis.

GUERIN (*Vai buscar uma garrafa e dous copos, e enche-os de vinho.*) À vossa saúde, Sr. Verdier. (*Bebe.*)

VERDIER À vossa, Sr. Guerin. (*Bebe.*)

GUERIN Deve apreciar-se muito uma boa saúde.

VERDIER É verdade. O pobre Pedro Giraud já pagou o seu tributo à morte. (*Assenta-se.*)

GUERIN (*Assenta-se.*) Dizei-me, Sr. Verdier, éreis seu amigo, visto que andastes duas léguas para lhe assistir ao enterro.

VERDIER Vi-o anteontem, pela primeira vez, em Ploermel, no meu escritório, onde entrou quando voltava de Renes.

GUÉRIN (*Surpris.*) Dans votre étude?...

55 VERDIER Oui, il avait une communication à me faire; le pauvre homme paraissait bien souffrant, mais j'étais loin de le croire si près de sa fin.

GUÉRIN Alors vous ne savez pas s'il était messenger, journalier, colporteur ou mendiant?...

VERDIER Je ne sais rien, et j'espérais apprendre de vous...

60 GUÉRIN Moi?... Je ne l'avais jamais vu, quand je l'ai trouvé bien malade sur la route. Tout ce que j'ai pu apprendre de lui pendant son séjour chez moi, c'est qu'il était célibataire et natif d'Ancenis. J'avais la discrétion de ne pas l'interroger; j'attendais de lui une confiance à son retour de Rennes, mais le bonhomme est mort sans avoir eu le temps de me la faire...
65

VERDIER N'avait-il pas l'air très pauvre?...

70 GUÉRIN (*Se levant.*) Son bagage n'était pas lourd. (*Passant en désignant le porte-manteau au fond.*) Il se composait d'un vêtement de grosse toile, d'un bissac contenant un liégeois, une paire de lunettes et un mouchoir à carreaux bleu... Et je vais bientôt

53: GUÉRIN (*Surpris.*) Dans votre étude?...] GUERIN No vosso escritório!

54: Oui, [...] à me faire;] Sim: tinha uma coisa a dizer-me.

55: souffrant,] doente;

57: était messenger,] era

59; j'espérais apprendre de vous...] esperava que mo dissésseis.

60: Moi?...] Eu!

62-65: chez moi [...] faire...] em minha casa, foi a sua naturalidade. Disse-me que era solteiro, e natural de Ancenis. Tive a prudência de lhe não fazer mais perguntas, e esperava que ele, quando voltasse de Renes, me contasse a sua vida: mas o pobre homem morreu sem ter tempo de o fazer.

66: VERDIER N'avait-il pas l'air très pauvre?...] VERDIER Pareceu-me muito pobre.

67-68: GUÉRIN (*Se levant.*) Son bagage n'était pas lourd. (*Passant en désignant le porte-manteau au fond.*) GUERIN A sua bagagem não é pesada:

70: mouchoir à carreaux bleu...] lenço.

GUERIN No vosso escritório!

45 VERDIER Sim: tinha uma cousa a dizer-me. Pareceu-me que o pobre homem estava muito doente; mas não o julguei tão próximo do seu último dia.

GUERIN Então não sabeis se ele era jornaleiro, vendilhão ou mendigo?

VERDIER Não sei, e esperava que mo dissésseis.

50 GUERIN Eu! Vi-o pela primeira vez quando o encontrei bem doente na estrada. A única cousa que lhe perguntei enquanto estive em minha casa foi a sua naturalidade. Disse-me que era solteiro, e natural de Ancenis. Tive a prudência de lhe não fazer mais perguntas, e esperava que ele, quando voltasse de Renes,
55 me contasse a sua vida: mas o pobre homem morreu sem ter tempo de o fazer.

VERDIER Pareceu-me muito pobre.

60 GUERIN A sua bagagem não é pesada: compunha-se daquele casaco e daquele alforge, que tem dentro um cobertor de Liège, um par de óculos e um lenço. Vou mandar imediatamente

43: escritório] escritório? [1982]

50: Eu] Eu? [1982]

55: vida:] vida, [1982]

58: pesada:] pesada; [1982]

envoyer tout cela à M. le maire d'Ancenis en le priant de le remettre à qui de droit!...

VERDIER C'est donc vous qui avez fait donner ici la sépulture à Pierre Giraud?

75 GUÉRIN C'est moi.

VERDIER À qui comptez-vous réclamer les frais d'inhumation de ce pauvre homme?

80 GUÉRIN Je n'ai rien à réclamer... Le médecin, l'a soigné gratuitement, M. le curé l'a accompagné au même prix... moi qui suis menuisier... je ferai une croix de bois pour désigner sa place, et tout sera dit.

VERDIER Avec ce désintéressement, que je suis loin de blâmer, vous ne ferez pas facilement fortune, mon cher.

85 GUÉRIN On dit que je n'ai rien de ce qu'il faut pour cela. Mais, qui sait?... Je ne resterai pas toujours à Saint-Servant, et l'avenir... c'est l'inconnu!...

VERDIER Vous espérez peut-être épouser une grande dame, comme ce vigneron d'un village voisin qui est devenu le mari d'une comtesse.

71: à M. le maire] à autoridade

72: à qui de droit!...] a quem de direito pertença.

75: GUÉRIN C'est moi] GUERIN Sim, senhor

76-77: VERDIER À qui comptez-vous réclamer les frais d'inhumation de ce pauvre homme] VERDIER E quem vos há de pagar as despesas do enterro

78-81: GUÉRIN Je n'ai rien à réclamer [...] pour désigner sa place.] GUERIN Ningué. O médico tratou-o de graça: o senhor cura acompanhou-o à sepultura de graça: e eu, que sou carpinteiro, farei uma cruz de pau que indique o lugar onde o pobre homem foi sepultado;

82-83: VERDIER [...] mon cher] VERDIER Louvo esse vosso desinteresse; mas desse modo, meu amigo, nunca fareis fortuna

84-85: GUÉRIN [...] qui sait?...] GUERIN Eu já não espero fazer fortuna, Sr. Verdier. Entretanto

88-89: qui est devenu le mari d'une comtesse] que casou com uma fidalga

tudo isto à autoridade de Ancenis para que o entregue a quem de direito pertença.

VERDIER Fostes vós que mandastes enterrar o pobre Pedro Giraud?

65 GUERIN Sim, senhor.

VERDIER E quem vos há de pagar as despesas do enterro?

70 GUERIN Ninguém. O médico tratou-o de graça: o senhor cura acompanhou-o à sepultura de graça: e eu, que sou carpinteiro, farei uma cruz de pau que indique o lugar onde o pobre homem foi sepultado; e fica tudo concluído.

VERDIER Louvo esse vosso desinteresse; mas desse modo, meu amigo, nunca fareis fortuna.

75 GUERIN Eu já não espero fazer fortuna, Sr. Verdier. Entretanto não hei de permanecer sempre em Saint-Servant, e o futuro... sabe-o Deus!

VERDIER Esperais talvez casar com alguma herdeira rica, como fez esse vinhateiro duma aldeia próxima que casou com uma fidalga.

Kathryn Bishop-Sanchez é doutorada em Estudos Hispânicos pela Universidade da Califórnia, Santa Bárbara, e desde 2000 ensina na Universidade de Wisconsin, Madison, onde também é diretora do Programa de Português e editora executiva da *Luso-Brazilian Review*. Leciona cursos nos Departamentos de Espanhol e Português, de Género e Estudos de Mulher, e no Programa de Estudos Latino-Americanos. Os seus cursos incidem sobre literatura portuguesa e brasileira desde o século XIX até aos nossos dias, estudos fílmicos e artes performativas, as culturas portuguesa e brasileira, identidade e subjetividade racial, a representação da mulher e do género no realismo português, com um interesse particular pela obra de Eça de Queirós. Atualmente dedica-se a vários projetos sobre a ficção portuguesa do século XIX e sobre as relações performativas entre o Brasil e a França. É autora de *Utopias Desmascaradas: O Mito do Bom Selvagem e a Procura do Homem Natural na Obra de Almeida Garrett* (Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2008), *Creating Carmen Miranda: Race, Camp and Transnational Stardom* (Vanderbilt University Press, 2016). Foi editora do volume temático *The Other 19th Century* (revista *Portuguese Literary & Cultural Studies*; University of Massachusetts-Dartmouth, 2007) e coeditora, em parceria com Severino Albuquerque, do volume *Performing Brazil: Essays on Culture, Identity and the Performing Arts* (University of Wisconsin Press, 2014).

A presente edição de *Philidor*, peça de teatro de Joseph Bouchardy, representada e publicada pela primeira vez em Paris, em 1863, constitui um trabalho de revalorização de uma atividade de Eça de Queirós talvez menos conhecida mas nem por isso menos significativa: o trabalho de tradução literária a que episodicamente o grande escritor se dedicou.

Importa lembrar, antes de mais e de forma muito sucinta, aquilo que é extensivamente documentado na circunstanciada introdução a esta edição, assinada por Kathryn Bishop-Sanchez: Joseph Bouchardy (1810-1870) foi, no seu tempo, um conhecido e aplaudido dramaturgo, cultor de um teatro pouco sofisticado, mas acolhido pelos favores do público de então. Os êxitos que conseguiu e a presença forte que a cultura francesa ainda tinha em Portugal, no século XIX, explicam que, na época, o Teatro Nacional D. Maria II se tenha interessado por este *Philidor*. Foi nesse contexto que Eça, na altura um escritor ainda em projeto, traduziu o texto de Bouchardy, provavelmente por encomenda.

Carlos Reis, da *Nota prefacial*

